

## ARTE, ESTÉTICA E IMAGINÁRIO

### O UNCANNY COMO RECURSO ESTÉTICO NAS ARTES PLÁSTICAS

O *uncanny* ou *unheimlich* é um conceito de origem freudiana que se refere ao sentimento de “algo ameaçadoramente estranho.”

Apesar de ser um pequeno texto, ao longo do último século, este conceito tem sido debatido dentro dos mais variados campos, como na filosofia, sociologia, literatura, ciência, e, mais recentemente, com um enfoque especial no campo das artes.

No entanto, a abordagem artística tem sido desvalorizada dentro do panorama da conceptualização do termo.

Sendo o *uncanny* um conceito pertencente à área da estética, e manifestado-se com maior incidência no campo da arte do que na vida real, esta investigação pretende reflectir acerca da desvalorização da visão artística nas genealogias do termo e sobre a validade da aplicação do *uncanny* enquanto conceito estético nas artes plásticas.

De forma muito sintética, o *uncanny* pode ser definido como o sentimento de algo familiar mas que é simultaneamente estranho, algo que provoca atracção e repulsa, manifestando-se perante o confronto com algo que deveria permanecer secreto, oculto, mas que, por alguma razão se tornou evidente. No entanto, esse processo em si não é linear, pois são necessárias um conjunto de características adjacentes para que algo possa ser considerado *uncanny*.

Desse conjunto de particularidades, a partir do texto de Freud destacaram-se os seguintes elementos visuais: bonecas/automatos, duplo/repetição, morte e alusão a membros decepados.

Entre os principais autores responsáveis pela disseminação do *uncanny* sob a via teórica, destacam-se os trabalhos de Lacan, Todorov, Cixous e Derrida. No entanto, a maioria da produção de textos escritos acerca do *uncanny* surge a partir dos anos 70, e, sendo o texto originário de Freud escrito em 1919, existe um grande espaço temporal onde aparentemente e segundo Masschelein não existiu grande discussão acerca do termo freudiano.

O que se propôs nesta tese, é que, ao contrário do que Masschelein afirma, considerando de forma holística o conjunto de produções que foram feitas acerca do *uncanny* a partir da sua criação, não existiu o referido período de latência conceptual, pois o conceito esteve subjacente ao trabalho e à concepção teórica de

todo o movimento surrealista, que em termo de datas, cobre o referido período entendido como sem produção relevante sobre o uncanny.

Devido a essa não inclusão da visão artística dentro da discussão acerca do conceito, surgiu a necessidade de procurar entender e definir o seu lugar e legitimidade dentro da prática artística.

Consequentemente, segundo as características visuais a partir das quais o uncanny pode ser despoletado, procurou-se encontrar um conjunto de artistas contemporâneos cujo trabalho estivesse manifestamente relacionado como uncanny, de forma a conseguir clarificar e compreender algumas hipóteses visuais e a sua relevância como conceito estético actual.

Nesse sentido, destacaram-se os trabalhos de artistas como Jake e Dinos Chapman, Ron Mueck, Hiroshi Sugimoto, Robert Gober, Michael Borremans, Nathaniel Mellors, Christian Boltanski, Mike Kelley, Paul McCarthy, Joel Peter Witkin, Louise Bourgeois, entre vários outros, trabalhos estes que reflectem a variedade interpretativa que este conceito freudiano consegue ter.

No entanto, apesar da inegabilidade da existência da utilização uncanny como tema ou conceito dentro do contexto da prática artística, devido à parca reflexão teórica existente sobre esse âmbito, coadjuvada pela não inclusão do ponto de vista artístico nas genealogias do conceito, procurou-se compreender e sistematizar a sua pertinência e autenticidade como elemento estético aplicável dentro das artes plásticas.

Posto isto, apesar de Freud em *The Uncanny* apresentar apenas exemplos dentro do campo da literatura, sendo o uncanny um conceito pertencente à área da estética, e melhor experienciado através da arte do que na realidade, analisando a questão a partir de outras concepções sobre a arte em Freud, é coerente a ideia de que independentemente do campo artístico - literatura, escultura ou pintura, a arte mantém em si o mesmo poder independentemente do seu medium ou material, daí a possibilidade efectiva de adaptação e de interpretação do uncanny noutras vertentes artísticas.

Relativamente ao conjunto de trabalhos práticos que acompanham esta tese, procurou-se não fazer uma ilustração do uncanny, mas sim, através da informação que foi sendo recolhida e trabalhada, reflectir e construir uma interpretação pessoal do conceito de Freud. Das várias características visuais apresentadas que podem suscitar o sentimento de uncanny, optou-se por trabalhar com a noção do confronto com a morte. Um dos leques de referências que originou o imaginário pictórico destes trabalhos partiu da associação a algumas características da época vitoriana, era repleta de uma atmosfera soturna e melancólica onde o fascínio pela morte ocupou um papel fundamental, particularmente a partir das fotografias post-mortem.

Partindo da noção em que o uncanny se manifesta perante a incerteza entre se estamos em face a algo animado/inanimado, procurou-se trabalhar visualmente sobre a ambiguidade na leitura dos territórios subtis da fronteira entre vida/morte, através da representação do animal na pintura, particularmente com base na representação de animais taxidermizados.

A taxidermia como princípio tem já em si algo de uncanny, pois procura induzir a sensação de “vida” em algo que se encontra morto; o elemento “ameaçadoramente estranho” advém da imobilidade do animal. No caso da representação de algo taxidermizado, a dúvida perante a incerteza do animado/inanimado é ainda maior, sendo apenas dissipada perante a estranheza ou impossibilidade de alguns cenários ou poses.

O conjunto de pinturas que acompanham esta investigação, procurou reflectir acerca da ambiguidade e do desconforto causado perante a representação de algumas tipologias de animais taxidermizados - particularmente de animais domésticos - num confronto entre aquilo que é familiar (intimo), mas simultaneamente estranho, (poses, encenação, situações), e no território de fronteira entre a vida/morte, explorando uma visão pessoal acerca do conceito de uncanny.



Sofia Torres (2016) Family Portraits #5  
[acrílico sobre tela, 60 x 50 cm].



Sofia Torres (2016) Love Torn Us in Parts  
[acrílico sobre tela, 80 x 60 cm].

De uma forma geral, esta investigação teórico-prática procurou identificar, clarificar, compreender e sistematizar a utilização do uncanny como um conceito estético dentro da arte contemporânea. Nascido no âmbito da psicanálise, mas pertencente à área da estética, o uncanny foi ao do tempo utilizado e interpretado das mais variadas formas e nos mais diversos campos, e apesar de importante dentro do campo da arte, o seu desempenho em termos artísticos foi relegado para um segundo plano dentro da discussão do conceito.

No entanto, esta tese serviu para compreender o lugar do uncanny dentro da prática artística: como se identifica, o que o caracteriza, como é utilizado e por quem é utilizado.

Dentro do contexto das artes plásticas, não existem dúvidas acerca da legitimidade, pertinência e actualidade do uncanny como um conceito estético, não só pela sua génese mas também pela sua significação, que o enquadra como uma noção que incorpora e traduz a época actual, uma sociedade influenciada pelo irreal, pelos media, pela realidade virtual, onde uncanny descreve e transcreve esse desejo de trazer o irreal para o real, esse “caminho que conduz da fantasia de volta à realidade.”(Freud, 1987, 439)

O uncanny transforma-se assim num caminho e num meio que compreende a natureza da experiência, assim como reflecte a necessidade dessa experiência, e que, devido à sua ampla e complexa significação, quer em termos artísticos quer na sua consequente utilização como reflexo cultural e social, o convertem num conceito que contextualiza a essência do próprio *zeitgeist* da contemporaneidade.

#### Referencias:

Freud, S. (1987). Obras psicológicas completas - Conferências introdutórias sobre a psicanálise (1916-1917) (J. Salomão, Trans. 2ª ed. Standard Brasileira ed.). Rio de Janeiro: Imago.

SOFIA TORRES – Nasceu em 1984, vive e trabalha no Porto.  
Doutoramento em Arte e Design na FBAUP, 2013/2017, Mestrado em Pintura na FBAUP, 2008/2010. Estudos na Accademia di Belle Arti di Bologna, em Itália, 2006/2007. Licenciatura em Artes Plásticas – Pintura, pela FBAUP, 2003/2008 e membro Integrado do I2ADS - Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade.

Professora Auxiliar na Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto. Desde 2005 participa em várias exposições individuais e colectivas em território nacional (Galeria João Lagoa, Fórum da Maia, Centro Cultural S. Mamede, Silo-Espaço Cultural), e internacional, em países como Brasil (Galeria Mckenzie University, São Paulo), Japão (Nagasaki Brick Hall), Itália (Galeria Altrebates), Espanha (JUSTMAD, Madrid) e recentemente na Australia (Peanut Gallery).